

Kiyoshi Kurosawa
tem filmes inéditos
para dois festivais

PÁGINA 3



Clara Sverner
celebra seus 88
anos em concerto

PÁGINA 4



Chefs de todo o
país reunidos em
evento no Jockey

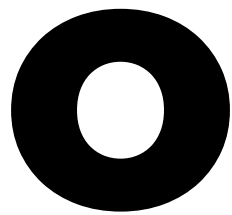
PÁGINA 7



2º CADERNO

Os afetos de Caymmi

Por Affonso Nunes



longa-me-
tragem
“Dorival
Caymmi – Um
Homem

de Afetos” será exibido nesta segunda-feira (26), às 20h, no canal Brasil. Dirigido, escrito e produzido pela cineasta e jornalista Daniela Broitman, o documentário conta a história do cantor e compositor por meio de entrevistas com outros nomes do gênero como Caetano Veloso e Gilberto Gil, e de uma conversa inédita com Dorival sobre suas confidências, memórias e inspirações.

Inédito na TV, o filme estreou no circuito exibidor em abril. O documentário recebeu os prêmios de Melhor Filme do Júri Popular e Prêmio Especial do Júri no In-Edit Festival Internacional do Documentário Musical, na edição do Brasil, em 2019; e o Crystal Lens Award no Inffinito Brazilian Film Festival, nos Estados Unidos, em 2021. O filme é uma coprodução do Canal Brasil com a Spcine.

O roteiro do filme tem como ponto de partida uma entrevista inédita realizada com Dorival, aos seus

Documentário inédito na TV narra as memórias e confidências de um dos mais brilhantes compositores da música popular brasileira

Acervo de família



Dorival Caymmi em registro dos anos 1950: o artista bainoa revolucionou a música brasileira, influenciando movimentos desde a Bossa Nova até a Tropicália

84 anos, que aborda desde histórias de amor a suas raízes no candomblé.

A música é um elemento essencial na construção do documentário, que mostra um Caymmi descontraído e divertindo-se ao improvisar performances de “Quem Vem pra Beira do Mar”, “O Vento”, “Sábado em Copacabana”, “A Vizinha do Lado”, “Marina”, entre outras.

Também participam do documentário os filhos do cantor Dori, Nana e Danilo Caymmi; o neto Gabriel Caymmi; sua ex-nora Ana Terra; e amigos de profissão e de vida, como Caetano Veloso e Gilberto Gil, o produtor e amigo Guto Burgos e a ex-cozinheira Cristiane de Oliveira.

Ao longo do processo de produção do filme, que durou quase cinco anos, a diretora mergulhou na pesquisa da vida e obra a fim de conhecer as múltiplas facetas de Dorival, músico, pai, ator, marido, pintor, amigo. Também era importante para ela encontrar imagens e registros inéditos. “Dorival Caymmi era um ser muito iluminado, e mesmo sendo introspectivo e caseiro, tinha muitos amigos, era querido pelo público, pelos artistas e pela imprensa da época”, diz Daniela.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Zeca Pagodinho: destaque como artista e cidadão

Zeca Pagodinho receberá título de benemérito do Estado do RJ

A Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro aprovou um projeto para dar o título de Benemérito a Zeca Pagodinho. A autora do requerimento, deputada estadual Dani Monteiro (PSOL-RJ), definiu o artista como “ícone do samba brasileiro” e destacou suas contribuições como filantropo e como empresário da noite cari-

ca, com a rede de bares que leva seu nome.

O título é de Benemérito é concedido a personalidades valiosas para o desenvolvimento econômico, científico, artístico, cultural ou desportivo do Estado, e que, de forma inequívoca e relevante, tenham contribuído para o progresso e desenvolvimento no setor das artes.

Cinema a R\$ 10

Para celebrar o cinema nacional, a rede UCI promove nesta segunda e terça (26 e 27) uma maratona com os 10 longas finalistas do Prêmio Grande Otelo, a maior premiação do nosso setor audiovisual, com ingressos por apenas R\$ 10.

Audiência morna

Chegando ao fim no próximo dia 6, o remake de “Renascer” terminará no horário das nove da Globo com sentimentos mistos na emissora. Se artisticamente a trama foi bastante elogiada, seus números de audiência estão longe de causar euforia.

Cinema a R\$ 10 II

A seleção conta com as produções “Mussum, O Filmis”, “Noites Alienígenas”, “Nosso Sonho - A História de Claudinho e Buchecha”, “Pedágio”, “Desapega!”, “Minha Irmã e Eu”, “Os Farofeiros”, “Pérola”, “Saudosa Maloca” e “Três Tigres Tristes”.

Audiência morna II

A direção de dramaturgia admite que a produção não foi ao ar em bom momento, comparando-se ao que foi exibido recentemente no horário. “Renascer” deve fechar com 26 pontos de audiência, mesmo desempenho de “Terra e Paixão”.



Infiltrado, cult da ação, é atração da Tela Quente desta segunda

Jason Statham ferve a ‘Tela Quente’

Globo exhibe ‘Infiltrado’, thriller de enorme bilheteria com o astro inglês consagrado como ‘O’ ferrabrás do cinema de ação contemporâneo

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

A fim de fazer jus à tradição de sucesso popular de sua mais nobre sessão de cinema – a “Tela Quente”, no ar há 36 anos -, a TV Globo aposta na excelência do thriller autoral e exhibe um dos mais controversos achados dos tempos de pandemia: “Infiltrado” (“Wrath of Man”). A pérola do cineasta inglês Guy Ritchie será exibida às 23h desta segunda, em versão brasileira, com Armando Tiraboschi emprestando a voz ao ferrabrás Jason Statham.

“Sempre penso em diretores de prestígio com quem gostaria de filmar, pelo apelo estético deles, mas eu sou associado a um tipo de persona que, aqui, eu busquei dilatar, tentando humanizar a figura do

vigilante sob a chave da paternidade, da dor. Ritchie é um diretor de alma e identidade que se identifica comigo. Temos uma entrada”, disse Statham ao Correio da Manhã, na estreia do filme, em 2021, ainda sob o alerta da covid-19, quando sua bilheteria galopou até US\$ 104 milhões, mundialmente, associada a resenhas elogiosas.

Com seu jeitão despojado e seu acento cockney, num falar de palavras duras, Statham parece o oposto da apolínea figura de heróis hollywoodianos clássicos, como Gary Cooper (1901-1961), sobretudo em sua maneira de diminuir a densidade populacional da bandidagem, por onde pisa, na Los Angeles selvagem de “Infiltrado”. É o filme mais exuberante de Ritchie desde seu “Sherlock Holmes”, em 2009. Mas é impossível não se estabelecer um paralelo entre a imagem

pública de seu protagonista e a de Cooper neste elétrico longa-metragem sobre justicamentos.

Embora tenha as mesmas manhas acerca da representação do submundo de todos os bons filmes de Ritchie, “Infiltrado” é menos um thriller noir e mais um filme de ação clássico. Nos cinemas, a ação é filha cosmopolita do western. Jamais haveria Rambo sem Ethan Edwards, o maior caubói de John Wayne, visto em “Rastros de Ódio” (1956). E a ação, tal qual o banguê-banguê, foi tornada proscrita pelos fariseus das fake news. E já é assim faz tempo...

Desenvolvido sob o selo da MGM, “Infiltrado” é uma releitura anglo-americana do thriller francês “Assalto ao Carro Forte” (2004), de Nicolas Boukhrief. Statham assume o papel que era de Albert Dupontel, agora chamado de H. Repleto de destreza em lutas e no uso de armas de fogo, ele entra para uma equipe de seguranças responsável por proteger sacos de dinheiro. Mas H não entrou nessa missão interessado em trabalho e, sim, em uma revanche pessoal.

Mestre japonês do suspense, Kiyoshi Kurosawa tem filmes inéditos para assombrar os festivais de Veneza e de San Sebastián, ampliando o prestígio de sua grife autoral



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com filme inédito para estrear no Festival de Veneza, que começa nesta quarta-feira, Kiyoshi Kurosawa vive um 2024 agitado, com múltiplos títulos para lançar e o aceno do sucesso nas salas de exibição de seu país, o Japão, e da Europa, onde é tratado como popstar da estética autoral. Egresso de uma pátria que produziu titãs como Kenji Mizoguchi, Yasujiro Ozu, Hayao Miyazaki e Akira Kurosawa, de quem é xará de sobrenome, embora sem qualquer parentesco,

o realizador de 69 anos é um artesão do terror e do suspense, filão que impera em sua obra na penca de títulos que tem para lançar daqui até dezembro. Em fevereiro, ele eletrizou os nervos da Berlinale com um média-metragem de 45 minutos, “Chime”, no qual um professor sente calafrios ao ouvir um ruído misterioso. Em terras venezianas, ele exhibirá, fora de concurso, o thriller “Cloud”, ligado aos bastidores do comércio digital na internet. Suas recordações do evento italiano são das melhores, uma vez que, em 2020, ele saiu de lá com prêmio de Melhor Direção por “A Mulher de um Espião”. Em setembro, o diretor parte para o norte da Espanha, para a competição oficial do Festival de San Sebastián, para concorrer à Concha de Ouro com “Le Chemin Du Serpent”. Haja fôlego!

“Num ambiente de suposta tranquilidade, onde o silêncio é melodia, qualquer ruí-



O samurai do assombro

cirúrgico, malas de mão, estatuetas... tudo o que possa vender para obter lucro. Compra barato, vende caro. Deixando o seu emprego, muda-se com a namorada, Akiko (interpretada por Furukawa Kotoné) para uma casa à beira do lago, fora da cidade, e começa uma nova vida. Com a ajuda de Sano (papel de Okudaira Daiken), um jovem local contratado como ajudante, os esquemas de revenda de Yoshii vão de vento em popa até começarem a ocorrer incidentes inquietantes à sua volta: veículos suspeitos passam a rondar a sua vizinhança, uma janela é partida do nada, sombras se fazem notar a seu redor... Uma espiral de animosidade ganha ritmo, ameaçando Yoshii.

Já lançado em circuito nipônico, com forte acolhida das plateias de Tóquio, “Le Chemin Du Serpent” começa nos subúrbios de Paris, onde Albert, um repórter freelancer (vivido por Damien Bonnard), jura se vingar do brutal assassinato da sua jovem filha, enquanto Sayoko, uma médica japonesa (interpretada por Ko Shibasaki), ajuda na sua busca de vingança. Com a orientação hábil de Sayoko, os dois se aproximam da verdade por detrás da morte da filha de Albert, mas descobrem que um culto misterioso e traficantes de seres humanos estão envolvidos no caso. Quando finalmente se aproximam da verdade, a verdadeira intenção de Sayoko é revelada.

Ambos os títulos prometem ampliar a popularidade de Kiyoshi, na Ásia e fora dela. O lema do diretor: “Enquanto nossas miopias morais nos impedirem de perceber o Mal que está ao nosso redor, sob o disfarço de códigos de conduta rigorosos, o cinema de suspense vai existir e há de seguir a arrebatador pessoas”.



Berlinale/Divulgação

‘Cloud’, centrado nos bastidores do comércio digital, leva Kiyoshi Kurosawa a Veneza

do pode tirar a plateia da sua zona de conforto e convidá-la ao assombro. É assim que a tradição do terror se fez no Japão: transgredindo a normalidade que as aparências constroem. Quanto mais o seu universo de ação for cotidiano e corriqueiro, com gente supostamente comum, sem ninguém ex-

traordinário, mais você pavimentava o caminho para a surpresa”, disse Kiyoshi ao CORREIO DA MANHÃ em Berlim.

Sua circulação pelo cinema de gênero muitas vezes se pauta pela estranheza, se vê em cults como “Pulse” (2001) e “Creepy” (2016). Vez ou outra, ele navega pela seara do melodrama, deixando a brutalidade de lado, como é o caso de “Sonata de Cannes” (Prêmio do Júri na mostra Un Certain Regard de Cannes, em 2008), hoje em cartaz na plataforma MUBI. O pavor e o assombro, contudo, seguem sendo sua principal forma de expressão.

“Um certo sentimento de perda reside em todas as minhas narrativas, pois tenho interesse em entender que inquietudes eu encontro diante do que existe de mais uniforme e de mais recorrente na sociedade japonesa, a de ontem e a de hoje”, disse Kiyoshi ao Correio quando iniciou as filmagens de “Cloud”. “Existe aqui uma constante fricção entre a inércia e a transformação, mas nem sempre a inércia se conecta com a tradição”.

Com a promessa de ser um dos hits de Veneza (onde o Brasil concorre ao Leão de Ouro com “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles), “Cloud” acompanha os perigos vividos por Yoshi Ryosuke (interpretado por Suda Masaki), que trabalha numa fábrica e ganha dinheiro à parte como revendedor, sob o pseudônimo “Ratel”. Ele negocia material

'88 é um número mágico'

Raphael Tartari/Divulgação

Pianista Clara Sverner comemora aniversário e uma trajetória ímpar nas artes brasileiras em concerto na Sala Cecília Meireles

Uma das maiores pianistas brasileiras, Clara Sverner, com duas indicações ao Grammy Latino e uma carreira que a tornou uma de nossas mais prestigiadas virtuosas, Clara Sverner está completando 88 anos em plena atividade. Lançou neste ano o álbum "Brahms + Fauré" (Azul Music) e, nos últimos anos, vem produzindo em ritmo intenso, inclusive em outras áreas, como ebooks de contos e poemas, além de ficado anos em cartaz com a atriz Nathalia Timberg na peça "Chopin ou o Tormento do Ideal". E nesta terça-feira, a musicista se apresenta na Sala Cecília Meireles.

No programa, obras de Mozart, Ravel, Brahms e Chopin, além dos compositores brasileiros Glauco Velasquez e Chiquinha Gonzaga. De Brahms, a pianista irá tocar o "Intermezzos" Op. 117, cuja integral está presente no álbum lançado este ano.

"88, número mágico", comenta Clara. "Aos quatro anos de idade, o piano surgiu na minha vida. Fez se a luz, meu segundo nascimento. Entre tantas experiências de vida, dolorosas, radiantes, eu e a música sempre inseparáveis. E neste belo crepúsculo de minha vida, que posso dizer? Que por fazer 88 estou mais livre! Nas interpretações Mozart, Ravel, Chiquinha, Brahms.... Como se minha alma ultrapasse barreiras. Nos unimos então na dor e na alegria. Divido com meu público a emoção, a arte. E o presente, é meu presente para vocês. E a luz da música nos acompanha", empolga-se a veterana artista.

Em sua carreira, não transitou somente na área musical, mas também no teatro, audiovisual e na literatura. Ao lado de seu filho, o designer, Muti Randolph, desenvolveram um projeto inovador no qual imagens são geradas a partir do piano em tempo real. O espetáculo denominado "Sinestesia" ganhou a sua versão em 3D, sendo sucesso de público



Clara Sverner: "Aos quatro anos de idade, o piano surgiu na minha vida. Fez se a luz, meu segundo nascimento"

e de crítica.

No teatro, Clara fez parte do elenco da peça "33 Variações de Beethoven", estrelada pela atriz Nathalia Timberg sob a direção de Wolf Maya. Em cena, Clara interpreta com grande sensibilidade as 33 Variações ao vivo. Posteriormente, nos anos de 2017, 2018 e 2021, a convite de Nathalia, Clara retorna ao teatro com a peça "Chopin ou o Tormento do Ideal", onde percorreram diversas cidades brasileiras em extensa temporada de muito sucesso.

Em 2020, em isolamento devido à pandemia da Covid-19, Clara começa a organi-

zar os seus manuscritos de poemas e contos, e publica seu primeiro e-book onde reúne 26 poemas escritos entre 1982 e 2020, intitulado "Reminiscências". O segundo e-book "Interiores", que reúne 10 contos inéditos, escritos dos anos 80 aos dias atuais, foi lançado em 2023. Ambas obras estão disponíveis gratuitamente para download. No audiovisual, em 2023, um pequeno documentário em sua homenagem é disponibilizado na web, nomeado "Notas de uma pianista".

Clara Sverner teve sólida formação que se iniciou em São Paulo com o professor José Kliass. Aperfeiçoou-se mais tarde nos centros

musicais mais avançados, como o Conservatório de Genebra, onde recebeu uma medalha de ouro, e o Mannes College of Music, de Nova Iorque. Premiada no Concurso Internacional Wilhelm Backhaus, ainda adolescente iniciou a vitoriosa carreira que a tornou uma das mais prestigiadas virtuosas brasileiras. Seu grande mestre foi o notável Koellreuter, grande pensador, que a ajudou sempre a pensar na liberdade e aperfeiçoamento do artista. Aos 18 fez a estreia do piano de Khatchaturian com o grande maestro Eleazar de Carvalho.

Privilegiando, antes de tudo, a qualidade estética, o arrojo da invenção e a carga expressiva das músicas que executa, Clara Sverner é uma artista inquieta que não se cansa de se aperfeiçoar, pesquisar e ousar. No domínio da música clássica brasileira, foi a principal responsável pela redescoberta de partituras com obras de Glauco Velásquez e Chiquinha Gonzaga, a quem dedicou várias gravações. Em 1980, saiu o primeiro álbum com algumas obras para piano da maestrina. O sucesso foi imenso e, em 1981, gravou o segundo LP com outras obras de piano dessa fecunda compositora. Em 1999, o CD "Chiquinha Gonzaga por Clara Sverner", foi utilizado na minissérie da Rede Globo, intitulada "Chiquinha Gonzaga".

Sua discografia que reflete sua estética apurada e seu espírito de vanguarda, consiste em mais de 29 títulos, distribuídos internacionalmente.

Em sua parceria com o saxofonista Paulo Moura, aboliu fronteiras, abriu-se para outros universos sonoros, explorando um repertório que abrangia desde os clássicos da nossa música popular. Com Paulo, gravou quatro discos, sendo que o disco "Vou Vivendo" ganhou o prêmio Villa-Lobos.

Gravou a "Íntegra das Sonatas de Mozart" onde o primeiro volume de "Mozart Por Clara Sverner" foi finalista do Prêmio TIM. O Vol. 2 ganhou o Prêmio TIM de Melhor Disco Clássico. O Vol. 3 indicado ao Grammy Latino. E o álbum "Chopin por Clara Sverner", lançado em 2011, foi indicado ao Grammy Latino, na categoria de melhor álbum de música clássica.

SERVIÇO

CLARA SVERNER - 88 ANOS

Sala Cecília Meireles (Rua da Lapa, 47) 27/8, às 19h

Ingressos: R\$ 40 w R\$20 (meia)

Feliz aniversário, Orquestra Jovem executa obra de Florence Price, inédita no Brasil

A Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro (OSRJ), Orquestra residente da PUC-Rio, comemora seus 10 anos de existência nesta terça-feira (27), em concerto no Theatro Municipal. Sob a batuta do jovem talento da regência, José Soares e com uma das solistas mais requisitadas do país, a pianista Olga Kopylova, a OSRJ vai apresentar duas obras de Gershwin, o clássico “Bolero” de Ravel e abrirá a noite com “Concerto para Piano em Um Movimento”, da compositora norte-americana Florence Price (1887– 1953), executada pela primeira vez no Rio.

Pianista desde os 4 anos de idade, Florence Price nasceu no Arkansas (EUA), e tornou-se a pri-

meira compositora negra a ter uma obra sinfônica executada por uma grande orquestra nacional após receber o primeiro prêmio no renomado Concurso Wanamaker. Ao longo da sua carreira, sofreu diversos episódios de racismo, inclusive linchamentos, e teve que mudar de estado por conta do preconceito, tendo seu trabalho reconhecido somente anos depois, em Chicago.

Formada por 55 jovens, em sua maioria negros e de comunidades, oriundos do projeto Ação Social pela Música do Brasil (ASMB), a OSRJ resgata a importância desta grande compositora, tendo ainda uma mulher como solista do concerto: Olga Kopylova, nascida no Uzbequistão e que, entre 2000 e 2024, ocupou a posição de pianista titular na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), sendo uma das solistas mais requisitadas e premiadas do país.

“É uma honra enorme ver a nos-



A OSRJ é formada por 55 jovens músicos, a maioria negros e oriundos de comunidades

sa orquestra, composta em sua maioria por jovens negros, homenageando Florence Price. Também teremos obras de Gershwin consideradas verdadeiros marcos da resistência ao racismo nos Estados Unidos. A potência e a representatividade que isso traz para eles é enorme”, afirma Fiorella Solares, diretora da Ação Social pela Música do Brasil.

Olga Kopylova também vai

ministrar uma Masterclass pelo projeto, direcionada a pianistas do Rio, e conhecer de perto o trabalho da ASMB que, há 25 anos, atua com inclusão social a partir do ensino coletivo de música, atendendo atualmente a centenas de jovens no Estado que vivem em áreas de vulnerabilidade.

Com 26 anos, o maestro José Soares é um dos nomes mais importantes de sua geração na música de concerto no Brasil. Atualmente como regente associado da Orquestra Filarmônica de Minas

Gerais, venceu o 19º Concurso Internacional de Regência de Tóquio, em 2021.

SERVIÇO

OSRJ - 10 ANOS

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº)
27/8, às 19h

Ingressos: Frisas e camarotes - individual: R\$ 40 e R\$ 20 (meia) | plateia e balcão nobre: R\$40 e R\$ 20 (meia) | balcão superior: R\$ 30 e R\$ 15 (meia) | galeria: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

CRÍTICA / DISCO / OUTRO TOM

Por Aquiles Rique Reis*

Na semana em que se comemorou o dia dos pais, escolhi tratar de “Outro Tom — Canções de Antonio Adolfo”, o décimo quarto álbum de Carol Saboya. O carinho da filha Carol Saboya por seu pai, Antonio Adolfo, brota da garganta da cantora carioca e proporciona momentos de arrebatamento ao ouvinte. O repertório é uma sutura de instantes vivenciados com o pai nos palcos e nos estúdios de gravação. Assim, cada música representa um momento que foi escolhido após ressurgir de profundas recordações.

Pianista que é, Carol foi ao instrumento e recriou, ao seu jeito, dez músicas compostas por Antonio entre os anos 1972 e 1980. Obras para as quais seu pai também escreveu as letras, à

exceção de uma, “Alegria de Carnaval”, parceria com o saudos Tiberio Gaspar.

E já que citei “Alegria de Carnaval”, vamos a ela, que fecha o álbum. Graças à tecnologia, Carol resgatou a gravação desta música, realizada em 1979, que tinha Antonio no piano Fender Rhodes, Binho no trompete, Zé Carlos Bigorna no sax e Serginho Trombone no... trombone, aos quais agora se juntaram a guitarra de Gabriel Quinto, o baixo de Guto Wirtti (também produtor musical e arranjador do disco) e a bateria de Renato Máximo. Já o vocal, que originalmente estava com o grupo Viva Voz, agora está com Amanda e Joana, filhas de Carol.



Divulgação

As duas, mais Carol, tão suaves, entregam-se de corpo e alma ao fervor do frevo.

“Outro Tom”: Carol inicia arritmo. O Fender de Antonio se esmera em protegê-la. O baixo de Wirtti e a bateria de Massa encaminham a levada suave, que ainda conta com a pandeiriola de André

Siqueira. Logo o violão assume os compassos em fino improvisado. A voz de Carol leva o canto com doçura infinita. Um coro dá seu ar da graça ao arranjo.

“Carola / Acalanto” (<https://11nq.com/DZYju>): Carol escolheu duas composições instrumentais feitas por Antonio em louvor a ela, que estalam feito beijos de amor paterno. E Carol trata de nos emocionar com seu canto enternecido, graças aos 60 anos de carreira do pai e, também, aos seus próprios 25 anos de ofício. Arritmo, o Fender de Antonio acompanha os vocalises de Carol. Logo vêm as palavras escritas pelo pai, amorosas que só elas, às quais Carol retribui com o cantar que desde criança traz no co-

ração já adulto. Wirtti dedilha notas no teclado. Ela dobra a voz em vocalises, para exclaimar, logo que conclui o canto: “Está lindo, pai, vamos ouvir?” É verdade, Carol, está mesmo!

“Aonde Você Vai”: Carol canta com participação de Renato Teixeira (ele que vem compondo parcerias com Antonio). Wirtti toca baixo, pandeiro, zabumba e violão de 12 cordas; Gabriel Quinto, violão, e André Siqueira, percussão. O suingue encandece a riqueza da música. A percussão de Siqueira, somada à de Wirtti, dá ao arranjo o resfolego que se amplia com o recurso do reverb. O astral vai lá em cima!

Cantando em nome do pai, Carol Saboya foi além: doou-lhe abraços e beijos musicais e sonoros. Tocantes!

*Vocalista do MPB4 e escritor

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Luiz Gama contra o Império

Reprodução



Quem me dava mesada, ela, minha avó; e, caso mantivesse as economias, comprava um livro na última sexta-feira de cada trimestre, ou seja, por ano, minha biblioteca recebia quatro novos colegas, cujas palavras me faziam companhia. Sempre após as aulas do então 2º grau, pegava uma barca em Niterói, e ela me deixava no porto seguro, a Livraria Leonardo da Vinci, onde aprendi a ouvir com os olhos a vital importância silenciosa dos livros. Hoje, não é a mesma Leonardo, mas ainda pulsa no sub-solo da Av. Rio Branco.

A Leonardo agora é uma livraria-café e, nesses dias, entre uns goles de capuccino e umas páginas, pupilas se abriram para “Luiz Gama contra o Império”, do premiado Bruno Rodrigues de Lima. Em poucos minutos, o livro me convence de ser lido.

Levei-o para minha biblioteca por 150 reais para saber que, vendido como escravo pelo próprio pai, um branco, quando tinha 10 anos de idade, Luiz Gonzaga Pinto da Gama, aos 8 anos, tem sua mãe, uma negra, desaparecida por suspeita de insurreições de escravos, diga-se, fracassadas. Aos 17, conhece Antonio Rodrigues de Prado Junior, um branco, amigo com quem aprende a ler e a escrever, devendo ser considerado, primeiro, que Luiz Gama quis sa-

ber. A alfabetização o liberta e, aos 18 anos, depois de saber ler e escrever, fuge do cativo.

A escrita de Bruno Rodrigues nos conduz à delegacia em que Gama trabalha e, da forma como trabalha, amplia sua visão. Nas páginas 158 e 159, registram-se algumas de suas qualidades: leitor, escrita sofisticada, memória normativa.

No caso da memória, significa que Luiz Gama conhece a burocracia e as fontes do direito. Mais: na função de copista, internaliza os segredos de Estado. Sua luta, então, não se dá fora e contra o poder; mas, porque se serve dele, sua luta acontece dentro e entre o poder. Não é, portanto, uma luta identitária, marcada pela oposição entre Luiz Gama e o Estado, visto que Gama se identifica com o poder e, para alargar ainda mais tamanha identificação, Gama chega à função de escrivão. Aos 27 anos, com um posto mais alto, segundo Bruno Rodrigues, “dominava o arquivo local, adquiria conhecimento normativo na resolução de conflitos da vida ordinária”.

Se Gilles Deleuze pudesse se referir a Luiz Gama, diria que a natureza de seu combate político é molecular e, em virtude disso, não combate contra, mesmo que o título do livro discorde do filósofo francês. Belíssima biografia.

CRÍTICA / LIVRO / IMAGENS DA BRANQUITUDE - A PRESENÇA DA AUSÊNCIA

Como a ideia da branquitude formou o Brasil

É o começo do século 20, e uma família branca posa para um retrato com pompa. Vestidos com elegância, um casal e duas crianças olham rígidos para a câmera, na frente de um painel que simula uma paisagem campestre. Segurando a tela, nos cantos da fotografia, estão duas pessoas negras.

A imagem foi feita por Chichico Alkmim, retratista mineiro bastante visado na época. A mulher e a menina negra, que se revelaram só quando o filme foi recuperado cem anos depois, não apareciam no recorte original da foto. Exposta em grande escala no Instituto Moreira Salles, a imagem se tornou um símbolo didático do que as famílias abastadas expunham ao mundo - e do que escondiam.

O novo livro da antropóloga Lilia Schwarcz, “Imagens da Branquitude”, se parece com caminhar ao lado da autora em um museu. A historiadora conduz um caminho revelador de como a cultura branca cristalizou uma estética que firma a si mesma como norma e todo o resto como “os outros” - quando esse resto merece alguma atenção.

Assim, a branquitude se exhibe numa quase contradição. “É uma presença tão onipotente que vira uma ausência”, afirma a professora de 66 anos em entrevista. “É um poder de tal maneira disseminado que não precisa ser nomeado, porque está em toda parte.”

O caso da fotografia de Alkmim é ilustrativo porque mostra como essa impressão de onipresença é, na verdade, construída. E para isso é preciso acompanhar “o caminho da imagem”, ressalta Schwarcz, interessada no contraste entre “o que nasce para ser público e o que nasce para ser resguardado”.

Talvez o enquadramento total dessa foto de família nunca fosse revelado, diz ela, obliterando o trabalho negro por trás de sua realização. E é assim que acontece o processo de apagamento histórico sobre o qual tanto se fala na literatura antirracista.

A antropóloga, aliás, diz crer que seu livro não traz nenhum lampejo particularmente novo aos estudos

sobre a branquitude, estabelecidos por autoras como Cida Bento, Lia Vainer Schucman e Sueli Carneiro. O que ela propõe de inovador é a abordagem.

“A produção brasileira é muito mais arrojada, erudita, na análise de documentos escritos que na análise de produção visual”, afirma, brincando que avalia tantas teses de ciências humanas que foi apelidada de “arroz de banca”. “Estou cansada de ver as imagens ganharem lugar de anexo ou apêndice.”

Isso é um contrassenso, segundo ela, porque “nós somos uma civilização da imagem”. E é por essa cultura visual que se concretiza um imaginário tão firme que nem percebemos que está ali.

O maior símbolo que o livro traz são os sapatos. Talvez você nunca tenha notado, mas pessoas negras

sempre foram retratadas descalças nos quadros do Brasil Império, reflexo tanto da severidade do trabalho escravo quanto de sua falta de liberdade afinal, é difícil ir longe com as solas desprotegidas. Os pés continuaram assim mesmo após a abolição, sempre que o artista sugeria, consciente ou não, a subalternidade dos negros.

O livro traça um percurso quase cronológico, das pinturas de pessoas indígenas no século 16, marcadas pelo canibalismo e pela nudez que consternavam os europeus; até as campanhas agressivas de sabonete, já no século 20, que ligavam a pele negra a uma sujeira que devia ser limpa.

A pesquisadora, branca de origem judaica, ressalta nas primeiras páginas que o conceito de branquitude “não funciona em absoluto como categoria de acusação, questão moral ou normativa”. É analisado, sim, como fenômeno histórico, vivido por um grupo independentemente de sua consciência.

“Cada um pratica a cidadania de onde pode. Não fui sempre, mas me transformei já há um bom tempo numa grande defensora de cotas e políticas de ação afirmativa, que busco introduzir nos lugares onde estou. Na Universidade de São Paulo, as cotas fizeram uma diferença muito grande para o bem.”

Chichico Alkmim



A foto original da família branca com duas jovens negras segurando o painel

A magia da culinária brasileira

A diversidade da nossa cozinha é o tema do 5º Festival Delícias do Brasil, com aulas-show com chefs de todo o país

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

“S e outros motivos não houvesse para a regionalização culinária brasileira, haveria

sempre os que a história nos lembra cotidianamente: aqui havia uns poucos milhões de índios, entre si diferenciados em muita coisa importante - línguas, crenças, culinárias; para cá vieram os portugueses em número cada vez mais expressivo ao longo destes quase cinco séculos - e portugueses de regiões também diferenciadas; foram trazidos milhões de africanos escravos, originalmente muito diferenciados em línguas, religiões, hábitos, costumes, cozinhas. Entre si, conculcuraram-se, de tal modo que, se certos “ideais” predominaram como provindos dos portugueses, sob o oficialismo viveu e vive uma cultura mista com fundas contribuições negras e índias. A tudo isso, juntamos as colônias de europeus, asiáticos, americanos ...”

Assim, o grande filólogo, acadêmico, colaborador do Correio da Manhã Antonio Houaiss introduz o seu magnífico “Magia da Cozinha Brasileira”. Esse mesmo texto é adequado a Delícias do Brasil, evento que chega à sua quinta edição reunindo chefs de diferentes regiões para celebrar a gastronomia brasileira.

Nesta segunda-feira (26), no restaurante Páreo, acontecem as aulas-show com chefs convidados recebidos pelo chef titular da casa, o criativo Marcones Deus. Haverá ainda degustação de pratos espe-



Marcones Deus, chef do Páreo, recebe nesta segunda-feira colegas de todo o Brasil para as aulas-show do evento

ciais criados pelos chefs, apresentação de música ao vivo e exposição fotográfica. A curadoria é de Luciano Roberto, que atua no mercado gastronômico há mais de

duas décadas.

“O evento tem como objetivo trazer chefs renomados de todo o país para que o público possa degustar e aprender re-

AGENDA DE AULAS

Espaço Instituto YDUQS | Estácio

26/8

9H30 ÀS 10H10 - Magda Morais (MT).

Tema: Macarrão de comitiva com pagrattato de Bocaiúva

10h30 às 11h10 - Thiago das Chagas (PE). Tema: Kafta de bode com salada de favas

11h30 às 12h10 - Manoel Maciel (AP).

Tema: Peconha

12h30 às 13h10 - Clóvis Viana (MG).

Tema: Costelinha com polenta e guisado de quiabo com couve frita

13H30 ÀS 14H10 - César Santos (PE).

Tema: Danado de Bom

14H30 ÀS 15H10 - Lui Veronese

(DF). Tema: Picanha Durok Suína com barbecue de marmelo, aligot de mandioca e massa crocante de pimenta de macaco

15H30 ÀS 16H10 - Rapha Vasconcelos

(PE). Tema: Ancho de sol com mousseline de macaxeira e farofa de feijão verde frito

16H30 ÀS 17H10 - Sandro Mota (PA).

Tema: Piracuí à Bráz com crocante de pirarucu

17H30 ÀS 18H10 - Rubens Gonçalo

(RJ). Tema: Arroz Caldoso de Cuxá

SERVIÇO

DELÍCIAS DO BRASIL

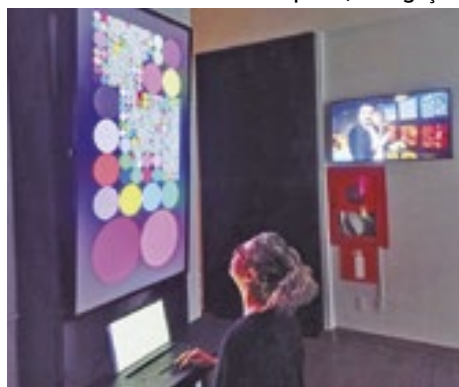
Restaurante Páreo (Rua Mário Ribeiro, 410, Sede Jockey Club Brasileiro) | **26/8, das 9h30 às 18h10**

Inscrições: www.linktr.ee/festivaldeliciasdobrasil

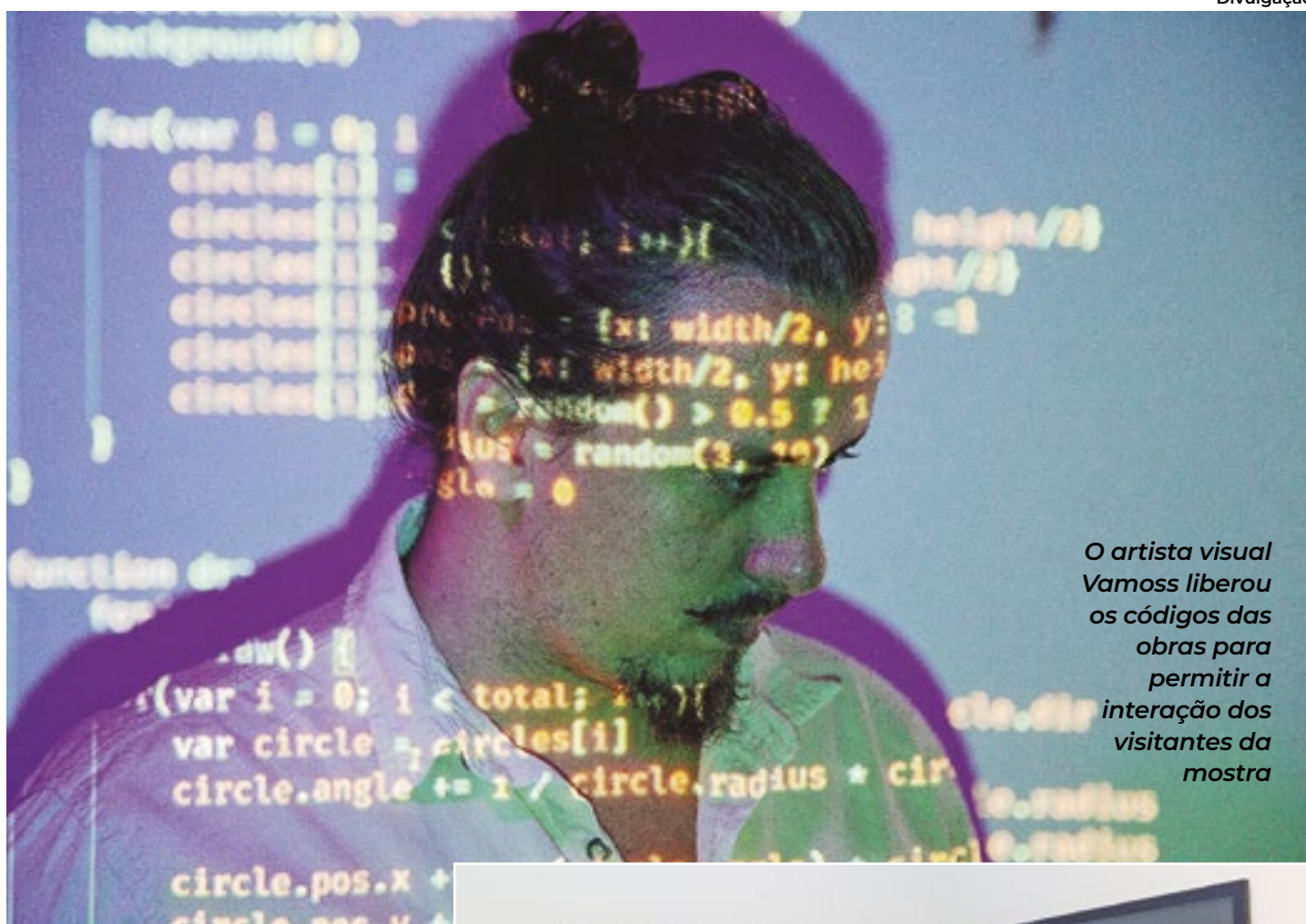
ceitas inéditas, aprofundando seu conhecimento sobre a diversidade da culinária brasileira”, explica Marcones Deus, o cicerone do evento.

Artista visual e designer Vamoss expõe obras digitais em código aberto que podem ser livremente manuseadas e alteradas pelos visitantes

João Pequeno/Divulgação



Os visitantes interagem com as obras por meio de um telão



O artista visual Vamoss liberou os códigos das obras para permitir a interação dos visitantes da mostra

Interações instantâneas

Primera galeria 100% dedicada à arte tecnológica no Brasil, a Meta Gallery apresenta a mostra “Arte de Código Aberto”, do artista-programador Vamoss, um dos precursores da arte criada por códigos de computador no país. O público pode modificar cada obra.

Cada obra de arte generativa vem acompanhada por um QR Code, em que os visitantes podem conectar seus celulares e dar sequência à experiência, reprogramando a obras, que aparecem modificadas nas telas de seus aparelhos. Funções matemáticas operam na criação de “Arte de Código Aberto”, com 12 obras, subdivisíveis em até 26, sob exposição em quatro tipos de suporte.

“Contingência” e “Flor Lunar” são obras apresentadas tanto em esculturas de impressão 3D quanto em conjuntos de quatro quadros cujas formas seguem tais funções. Outra sequência de quatro quadros, “Doces Cur-



Contingência e Flor Lunar

vas” é programada pela utilização acumulativa de seno e cosseno.

Em seis suportes digitais, estão os três autorretratos “Frequência”, “Pontilhado viajante” e “Caminhante Aleatório Circular”, além de “Lugar Código”, “Resiliência” e “Visualização da cópia em microorganismos”.



Doces Curvas

Adriana Brum/Meta Gallery

Adriana Brum/Meta Gallery

“Esses programas estão nos celulares, nas máquinas hospitalares, nos carros, nas casas, em toda parte do mundo e de nossas vidas. Para se pensar as ferramentas que queremos amanhã, é preciso entender como elas funcionam”, aponta Vamoss, nome artístico do designer Carlos Oliveira, mestre em economia criativa e em conclusão de doutorado em artes visuais.

Um dos precursores, no Brasil, da arte por códigos de computação, Vamoss estimula a interação do público - ideia que acabou motivando a própria adoção de seu nome artístico.

SERVIÇO

ARTE DE CÓDIGO ABERTO

Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40, Centro)

Até 25/10, de segunda a sexta (10h às 18h)

Entrada franca

Em uma tela interativa, “Espaços Criativos” se concentra na fragmentação de formas geométricas. Através do teclado de um computador, o público pode mexer na combinação dessas formas, reprogramando as funções que as formam. Nas outras obras, as modificações são feitas apenas nas telas dos celulares.